



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Filosofia da Educação I
Educador: João Nascimento Borges Filho**

Gramsci e a Questão da Cultura

Raquel de Almeida Moraes

Universidade de Brasília (UnB)

Introdução

Antônio Gramsci, filósofo, jornalista e socialista italiano, viveu no começo deste século na Itália fascista de Mussolini. Sua obra, em parte desenvolvida no longo cárcere que Mussolini lhe impôs, constitui-se numa teoria política que pode ser considerada como uma das grandes contribuições filosóficas contemporâneas à crítica e à luta social pela transformação da sociedade capitalista.

O ponto de partida de sua teoria tem como gênese a concepção de Marx acerca do desenvolvimento e funcionamento da sociedade capitalista, composta pela dualidade contraditória entre classe dominante e classe dominada, entre possuidores e despossuídos. A posse privada tanto da terra como dos meios de produção da vida material (infraestrutura da sociedade) tem, no plano da superestrutura ou da esfera ideológica e espiritual da sociedade uma correspondência direta. Gramsci concorda com Marx que a classe que detém o poder material também detém o poder ideológico ou das ideias, e é exatamente este o nó que ele aproveitou para aprofundar e desenvolver a sua teoria política.

Sua tese principal é que a superestrutura é a mantenedora das relações de classe, e que essa dominação se efetiva pelos mecanismos de hegemonia do Estado e da sociedade civil. Para superar essa hegemonia, seria necessário desenvolver uma contra-hegemonia, o que pode ser conseguido se a classe trabalhadora, incluindo os intelectuais socialistas, promoverem a criação e o



desenvolvimento de uma nova cultura, em oposição à hegemonia burguesa. Ou seja: a ênfase da transformação econômica e social recai na superestrutura, tanto no campo dos valores e normas como na visão de homem e de mundo.

Tendo em mente essas ideias gerais, desenvolveremos, a seguir, um breve detalhamento dos conceitos envolvidos nessa tese: a) sociedade civil; b) hegemonia; c) Estado e das estratégias de superação da hegemonia burguesa proposta por Gramsci: a) crise de hegemonia; b) guerra de posição; c) papel dos intelectuais.

Com isto, pretendemos contribuir com subsídios teóricos para o debate sobre o problema da hegemonia nas sociedades burguesas nessa fase globalizada do Capital.

Conceitos-chave:

A) Sociedade civil: localiza-se na superestrutura, embora suas raízes estejam na produção material. Seu papel é a perpetuação das relações de classe e prevenção do desenvolvimento da consciência de classe. É composta por:

- organismos privados: ligados à produção e reprodução da hegemonia.
- Estado: organismos públicos. Tem como função a dominação direta, quer seja no campo da hegemonia, quer seja no uso da coerção.

B) Hegemonia: partindo da tese marxista que a classe que é a força material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, sua força intelectual dominante, Gramsci acrescentou à filosofia marxista o conceito de *hegemonia*. Hegemonia expressa o *consentimento* das classes subalternas à dominação burguesa, apresentando-se como a outra face do poder: a do domínio das consciências e da reprodução da ideologia.

A hegemonia abarca os seguintes aspectos:

- *inter-burguesia*: a fração dominante dentro da sociedade civil exerce o controle através de sua liderança moral e intelectual. Essa fração dirigente (que pode ser alternada, dependendo das relações de força inter-burguesia) detém o poder e a capacidade para articular os interesses das outras frações. Ela não impõe sua própria ideologia mas, antes, combina elementos comuns, extraídos das visões de mundo e dos interesses dos grupos aliados.



- *burguesia/proletariado*: a burguesia usa sua liderança política, moral e intelectual para impor sua visão de mundo como algo abrangente e universal, moldando dessa maneira os interesses e as necessidades dos grupos subordinados. Assim, embora a hegemonia seja ético-política, ela também está baseada na função decisiva da atividade econômica. E isso é feito através de um conjunto de instituições, práticas e agentes, que abarcam tanto os setores produtivos e administrativos, como o político e o tecnológico.

Cabe ressaltar que para Gramsci, entre todos esses aparelhos de hegemonia não há um poder monolítico. Perpassa entre todos a luta de classes, o que explica as mudanças e as resistências à hegemonia da classe dominante.

C) Estado: representa a hegemonia garantida pela couraça da coerção. Pode ser esquematizado na fórmula: sociedade política: sociedade civil.

Assim como as forças de produção, o *controle da consciência* é uma arena de luta política.

O Estado é um "educador" no sentido que tende a criar um novo tipo ou nível de civilização. Ele opera segundo um plano, impulsiona, incita, solicita, pune. Essas ações levam a uma "revolução passiva", ou seja, a uma constante reorganização do poder do Estado no sentido de preservar sua hegemonia através da exclusão das massas sobre as instituições econômicas e políticas.

Na perspectiva gramsciniana, as mudanças histórico-sociais, os movimentos que ocorrem nas relações entre estrutura e superestrutura, obedecem a dois princípios:

1. "... nenhuma sociedade assume encargos para cuja solução ainda não existam as condições necessárias e suficientes, ou que pelo menos não estejam em vias de aparecer e se desenvolver".
2. "... nenhuma sociedade se dissolve e pode ser substituída antes de desenvolver e completar todas as formas de vida implícitas nas suas relações".

▷ **Tipos de movimento/mudança:**

Orgânicos: são os que geram mudanças de caráter relativamente permanentes e se relacionam ao *modo de organização social*. Ex.: mudança do feudalismo para o capitalismo.



Conjunturais: são os movimentos que se apresentam como ocasionais, imediatos. É claro que os movimentos e mudanças de conjuntura dependem dos movimentos orgânicos, mas seu significado não tem um amplo alcance histórico nem tampouco alteram a estrutura ou modo de organização econômico-social da sociedade.

► Forças impulsionadoras do movimento/mudança:

Econômicas: expressas nos sindicatos (capital e trabalho);

Políticas: desde as corporações até as expressões mais altas nos partidos políticos;

Técnico-militares: para Gramsci, essas são decisivas.

A partir desses conceitos-chave, temos que se arena da consciência é a luta imediatamente principal entre as classes dominantes sobre as subalternas, como se conseguiria a transformação?

Gramsci pensou em três estratégias para a superação da hegemonia: crise de hegemonia, guerra de posição e o papel dos intelectuais.

Estratégias para a superação da hegemonia:

A) Crise de Hegemonia: tem sua origem quando as classes se separam dos seus partidos e a sociedade civil amplia seu poder e autonomia, por atos impopulares dos seus dirigentes no Estado. Essa perda do *consenso* faz com que ela não seja mais dirigente, somente dominante, exercendo apenas a força coercitiva. Essa crise não é uma função direta das crises econômicas, embora estas também possam gerá-las. Podem ser causadas pela perda do bem estar, da miséria, etc.

Embora a crise de Estado seja um fator importante para a transformação socialista, ela não é suficiente. É preciso que a crise ocorra em todo o complexo do poder e não apenas na instância mais imediata da hegemonia, que é o Estado.

B) Guerra de Posição: é o sitiamento do Estado pela classe trabalhadora, desenvolvendo e ampliando uma *contra-hegemonia* através da criação de uma cultura popular que alicerce uma nova visão de mundo: normas e valores de uma nova sociedade que substituiria o *consenso* da burguesia. Assim, a arena da consciência seria reconstruída com uma nova visão de homem e de mundo.

Essa *nova cultura* seria desenvolvida pelo *partido de massas*, um partido que implantasse não uma "conscientização" vertical, de cima para baixo, mas



algo orgânico, que relaciona o partido como um todo, pois seria criado por todos os envolvidos.

Esse processo de construção e educação de uma contra-hegemonia teria por missão construir grandes poderes de coesão, centralização e inovação, os quais iriam minando o poder da hegemonia.

Papel dos intelectuais: Premissa P **"Todos os homens são intelectuais... mas nem todos os homens desempenham na sociedade o papel de intelectuais."**

Graus de atividade intelectual: mais alto nível: criadores das várias ciências, filosofia, arte, etc. Nível mais baixo: administradores e divulgadores da riqueza intelectual existente.

Sob o capitalismo: a escola forma intelectuais de diversos níveis cujas funções na sociedade civil (organismos privados e Estado) são as de organizar a hegemonia, o "consenso espontâneo" da população. Esse "consenso" nasce do prestígio que a burguesia tem na sociedade e do aparato de coerção estatal que assegura legalmente a disciplina dos que "consentem".

No processo transformador ou revolucionário, os intelectuais teriam o papel de dado a sua capacidade técnica, atuar como elemento pensante e organizador das classes subalternas.

Sua missão não é profissional, mas, como partícipes da construção de uma nova cultura pelo partido de massas, teria a função de dirigir as ideias e as aspirações da classe à qual pertencem organicamente, tendo em vista que todos os homens são intelectuais, pensam, embora nem todos desenvolvam plenamente essa capacidade, dado a hegemonia burguesa.

O partido de massas deve, portanto, fundir os intelectuais tradicionais (profissionais) e os orgânicos das classes subalternas em torno de uma concepção de mundo que transcenda seus interesses de classe, para que os trabalhadores despertem suas possibilidades intelectuais (através das funções educacionais do partido) e venham a fazer a Guerra de Posição, criando, eles mesmos, a contra-hegemonia de sua classe.

Intelectuais, Escola e Cultura

▷ Perspectiva transformadora da escola:



- Papel da escola: formar os intelectuais que organizarão/formarão uma nova cultura.
- Objetivo: contribuir com o processo de criação de uma contra-hegemonia à hegemonia dominante.
- Justificativa: é na "arena da consciência" que as elites utilizam os seus intelectuais orgânicos para manter a dominação. Entretanto, dado as desigualdades e as injustiças, torna-se necessário que as consciências sejam libertadas da hegemonia burguesa e criem uma nova cultura. E nesse processo, a escola pode ter um papel transformador.

▷ **Condições necessárias:**

- Escola pública e gratuita: somente assim pode a escola envolver todas as gerações, sem divisões de grupos ou castas.
- Aumento do corpo docente: a eficiência da escola é muito maior e intensa quando a relação entre professor e aluno é menor.
- Prédios: a escola deve ser uma escola-colégio, com dormitórios, refeitórios, bibliotecas especializadas, laboratórios, salas aptas ao trabalho de seminários, etc.
- Duração: a escola unitária deveria corresponder ao período representado pelas escolas primárias e médias, reorganizadas não somente quanto ao conteúdo e ao método de ensino, como também no que toca à disposição dos vários graus da carreira escolar.

▷ **Papel do professor:**

- Deixar de ser reacionário e mesquinho e se transformar em um "guia amigável".
- Acelerar e disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o tipo inferior.

▷ **Currículo: (10 anos)**

- Primeira fase: três a quatro anos. Ao lado do ensino das primeiras noções "instrumentais" (ler, escrever, fazer contas, geografia e história), deve-se desenvolver as noções fundamentais do Estado e da sociedade, como elementos primordiais de uma nova concepção de mundo.



- Segunda fase: o resto do curso não deveria ultrapassar mais de seis anos, de modo que, aos quinze - dezesseis anos, estariam concluídos todos os graus da escola unitária.

▷ **Pressupostos curriculares:**

- União trabalho manual e intelectual
- Valores: autodisciplina intelectual e autonomia moral

▷ **Método:**

- Estudo e o aprendizado dos métodos criativos na ciência e na vida deve permear todo o curso. Portanto, a escola deve ser uma escola criadora.
- Para Gramsci, escola criadora não significa escola de "inventores e descobridores"; ela indica uma fase e um método de investigação e de conhecimento, e não um "programa" pré-determinado que obrigue à inovação e à originalidade a todo custo.
- Para ele, descobrir por si mesmo uma verdade, sem sugestões e ajudas exteriores, é criação (mesmo que a verdade seja velha) e demonstra a posse do método. Por isso, a atividade escolar fundamental se desenvolverá nos seminários, nas bibliotecas, nos laboratórios experimentais.
- Objetivo da educação é, em suma, desenvolver o intelecto, isto é, um hábito de ordem e de sistema, o hábito de relacionar todo o conhecimento novo com os que já se possui e integrá-los em conjunto e, o que é mais importante, a aceitação e o uso de certos princípios, como centro do pensamento. Quando existe esta faculdade crítica, a história não é mais um livro de romance; os oradores e as publicações do dia perdem a infalibilidade; a eloquência não substitui o pensamento, nem as afirmações corajosas ou as descrições coloridas ocupam o lugar de argumentos, afirma Gramsci.

Considerações Finais

À luz da teoria gramsciniana, é relevante pensar em que medida uma educação que envolva a criticidade e criatividade, não possa ser conduzida como um momento - entre outros - de discussão e desenvolvimento de uma nova cultura.



Neste sentido, é de fundamental importância discutir que tipo de visão de homem e de mundo fundamenta a ação dos professores envolvidos nesse processo, quais valores eles apresenta e como se poderia aproveitar esse momento para levar adiante a construção de uma nova cultura.

Por outro lado, nestes momentos em que a esquerda em todo o mundo vive aquilo que Therborn (THERBORN, Göran. In SADER, Emir (Org.), 1995) analisa como a *crise da cultura socialista* (em nível de identidade, valores e visão de mundo), a realização de uma tarefa como a que anteriormente assinalamos é de suma importância para o futuro da própria esquerda, pois não haverá igualdade democrática se não existir cultura democrática. E a cultura democrática precisa ser reconstruída sobre as bases da consciência, como afirmam Gramsci e Paulo Freire, e não da direção vertical de uma "vanguarda iluminada", como até então a história mundial vem registrando.

Bibliografia

CARNOY, Martin. *Estado e Teoria Política*. Campinas: (SP): Papirus, 2ed., 1988.

GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GRAMSCI. Antônio. *Maquiavel: a Política e o Estado Moderno*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1982.

THERBORN, Göran. A vida e os tempos da esquerda. In SADER, Emir (Org.). *O mundo depois da queda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.



Prof. Borges

